

# APRESENTAÇÃO

## **Pluralidade religiosa na América Latina**

Um dos aspectos principais da paisagem religiosa latino-americana na contemporaneidade é, sem dúvida, a pluralidade religiosa. Esta se evidencia, sobretudo, por dois fatos. Primeiro, a perda do monopólio católico, como religião oficial e obrigatória desde o período colonial, o que não quer dizer que a Igreja Católica tenha deixado de ser majoritária e hegemônica nas sociedades latino-americanas, ou na maioria delas, funcionando como um poder real. Segundo, o surgimento de um pluralismo religioso que se desenvolve no interior mesmo do campo evangélico-protestante, o qual é difícil de caracterizar devido a sua diversidade interna, a seu impressionante dinamismo e a sua fluidez institucional.

Mas falar de pluralidade religiosa conduz, necessariamente, ao reconhecimento da continuidade de cultos tradicionais, conhecidos, sobretudo, como religiosidade popular, através dos quais, em boa medida, os indígenas e afro-americanos puderam resistir à imposição do catolicismo colonial, orquestrando manifestações sincréticas e distantes da ortodoxia doutrinal católica. Estas combinam diversas fontes religiosas: espiritualidade indígena e catolicismo devocional; cultos a divindades africanas e santos católicos; espiritismos oriundos da Europa e correntes esotéricas orientais e práticas espiritualistas indígenas e práticas xamânicas, muitas destas vivenciadas em circuitos espiritualistas e terapêuticos *New Age*. Na atualidade, o sincretismo popular que caracterizou

as formas de se praticar o catolicismo “à la latino-americana” está sendo revitalizado por tradições orientais exóticas, por buscadores de espiritualidades alternativas ou não convencionais, por fluxos de informação da mídia, por mercadorias culturais, por circuitos neo-esotéricos, que conformam surpreendentes hibridismos mágico-mediáticos. Portanto, não se pode afirmar que os “novos movimentos religiosos” ou as “religiosidades não convencionais” sejam os únicos protagonistas da referida diversidade religiosa. Tanto assim que as reflexões aqui apresentadas indicam uma rede complexa onde os cultos tradicionais e os movimentos religiosos que nasceram a partir do fluxo da modernidade, das tecnologias e do mercado global estão continuamente entrecruzados, ainda que essa interação exacerbe, em muitos casos, suas fronteiras identitárias.

Pluralidade religiosa também implica revisão dos processos de “desinstitucionalização” e de subjetivação por que passam as religiões históricas. Isso indica a possibilidade de pensar as sociedades latino-americanas em consonância com processos globais que afetam a perda de suporte material ou institucional da religiosidade, ou talvez, melhor dizendo, da espiritualidade contemporânea. Parafraseando Bauman, as transformações se dão no sentido do abandono de uma realidade líquida que subjetiviza os imaginários crentes transcendentais, retira as práticas religiosas das instituições e relativizam os dogmas e os paradigmas morais do cristianismo. As mil e uma formas de se recriar o catolicismo “à minha maneira” são, também, impulsos em direção à pluralização das formas de se viver a religião na atualidade.

De que se fala quando se faz referência à diversidade religiosa latino-americana? Existe, de fato, uma perda do monopólio católico no continente? Pode-se delinear o campo religioso como um mercado livre para a concorrência de bens de salvação? Está se vivendo uma “sectarização” do cristianismo, que se recompõe constantemente em pequenos movimentos evangélicos? Ou seria a expressão de uma

crise social das instituições, ou seja, das igrejas, cujo modelo estaria obsoleto diante da cultura de mercado livre e mundial? Ou se estaria enfatizando a capacidade criativa, ela mesma, da religiosidade popular, mas com indumentárias mais modernas?

Com a intenção de contribuir com essas discussões, este dossiê apresenta seis artigos. O de Deis Siqueira traz uma reflexão teórica sobre religião e religiosidade no Ocidente. Ele recupera questões clássicas da Sociologia da Religião, tais como supremacia da sociedade, coesão social, forças morais, “membresia”; modernidade racional e intelectualizada; alienação, ilusão. E chega a *O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional*, destacando a busca por uma nova religiosidade não convencional, campo religioso pluralista, espiritualidade no contexto do trabalho, “empresarização” das igrejas e espiritualização das empresas, privatização e individualização do religioso, espiritualidade sim, religião não.

Os demais textos exploram a tendência à diversidade religiosa em casos nacionais, ou seja, Argentina, Brasil, Chile, Guatemala e México, convidando o(a) leitor(a) não apenas a conhecer os elementos particulares de cada região abordada, mas também a estabelecer os contrastes e similitudes entre as mesmas, já que o significado cultural e o papel político que as religiões têm adquirido em cada lugar relacionam-se, intimamente, com o contexto histórico nacional das relações igreja-Estado, com suas características populacionais e culturais e com heranças culturais que construíram, historicamente, os eixos de diferenciação entre os países latino-americanos. Como exemplo, vale lembrar que a africanidade tem uma repercussão importante na diversidade religiosa no Brasil, assim como o componente indígena na Guatemala, o crioulismo europeu na Argentina e a mescla hispano-indígena no México.

Alejandro Frigerio e Hilario Wynarczyk escrevem sobre a Argentina no artigo *Diversidad no es lo mismo que pluralismo*:

*cambios en el campo religioso argentino (1985-2000) y lucha de los evangélicos por sus derechos religiosos.* Os autores se propõem a distinguir diversidade e pluralismo, enfatizando que a primeira se evidencia pela crescente presença de minorias religiosas, protagonizadas por denominações evangélicas que representam cerca de 10,0% da população nacional. Em sua constituição podem-se distinguir duas modalidades: um pólo conservador e bíblico e um pólo histórico libertário. A pluralidade não apenas se garante com a diversificação do mercado religioso, mas implica uma valorização efetiva dessa mesma diversidade. Frigerio e Wynarczyk descrevem como, no caso da Argentina, a diversidade minou, como reação, a pluralidade religiosa. Destacam a ação de grupos anti-seitas, seu impacto na estigmatização social com relação a estas e a falta de um marco jurídico laico que ofereça reconhecimento para a diversidade religiosa existente no país. O trabalho demonstra que aí existem muitas resistências à valorização da pluralidade religiosa e que o campo religioso da Argentina está longe de poder ser considerado como um mercado aberto à competição equitativa das diversas religiões. Assim, concluem que, na Argentina, não se pode falar em pluralidade religiosa.

O artigo de Lísias Nogueira Negrão, *Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo*, ancora-se em pesquisas desenvolvidas na cidade de São Paulo. O autor demonstra que a pluralidade religiosa brasileira se articula com a multiplicidade religiosa existente no interior das trajetórias dos crentes, os quais não se pautam por uma exclusividade de pertencimento ou “membrosia” a uma igreja, a seus símbolos e a suas práticas. No Brasil, para se referir à pluralidade religiosa, não é suficiente tratar das denominações e cultos que crescem numericamente, porque é necessário incluir as combinações que produzem duplicidades identitárias, tais como: católica e espírita, católica e afro-brasileira, católica e protestante, esoterismo e cultos afro-brasileiros. Ademais,

também são freqüentes combinações de mais de duas matrizes religiosas.

Sobre o Chile, Parker apresenta *Pluralismo religioso, educación y ciudadanía*. Este desconstrói uma das teses que durante décadas parece ter alimentado o imaginário sobre as mudanças religiosas na direção de uma “protestização” e “pentecostalização” do continente latino-americano. O autor descreve o decréscimo da população evangélica no Chile e afirma que não é apenas essa tendência que protagoniza a diversificação das expressões religiosas, considerando que os jovens, ainda que se movimentem no sentido de uma ruptura com a religião de seus pais, estão optando, crescentemente, por não se identificar com nenhuma religião e por ser crentes sem pertencer a uma igreja. Afirma Parker: [...] *no solo las iglesias se han multiplicado en América Latina, sino también los más diversos grupos, incluyendo grupos y cultos esotéricos y diversas formas de espiritualidades y misticismos post-modernos*. O autor questiona a hipótese de que o crescimento da educação formal implicaria estancamento das opções religiosas institucionais. Refere-se ao crescimento das tendências no sentido do “se crê” e de práticas religiosas extra-eclesiais, definidas por ele como *creyentes sin religión* ou *creyentes “a mi manera”*.

Outra contribuição importante desse artigo diz respeito à reflexão em torno da articulação das adesões religiosas e dos modos de crer com os valores democráticos e com a cidadania. Concluindo, convida o(a) leitor(a) a pensar sobre algumas questões, tais como: que tipo de cultura cidadã surgirá da pluralização religiosa latino-americana? Que tipo de sistema político se vislumbra a partir do surgimento de uma individualização da religiosidade latino-americana? Que papel os partidos políticos jogarão nesse processo?

Sylvie Pédrón Colombani reflete a pluralidade religiosa na Guatemala no artigo *Diversificación y competencia religiosa en Guatemala: entre pentecostalismo y cultos “neo-tradicionales”*.

Esse país centro-americano é, provavelmente, o que apresenta a maior percentagem de população relativa evangélica, sobretudo pentecostal. Mesmo não existindo dados confiáveis que confirmem essa afirmativa, estima-se que entre 25,0% e 40,0% da população estejam, atualmente, vinculados a uma igreja evangélica. Entretanto, essa “protestização” não aniquilou as crenças e as representações originárias das culturas indígenas maia, ancoradas em seres sobre-humanos. Um dos exemplos desse processo é a revitalização do culto a Maximón, uma divindade sincrética, na qual convivem a diversidade que agrega crenças mágicas indígenas com formas apropriadas do catolicismo popular e, mais recentemente, uma hibridização com o turismo e o mercado neo-esotérico que introduziu símbolos do Oriente ou do espiritismo europeu.

O caso do México é analisado por Renée de la Torre y Cristina Gutiérrez Zúñiga no artigo *Tendencias a la pluralidad y la diversificación del paisaje religioso en el México contemporáneo*. Destaca-se que a pluralidade religiosa se manifesta em três vertentes: a) perda de população católica e diversificação de opções religiosas, genericamente conhecidas como cristãs não católicas, que estão compostas por uma pluralidade de denominações e que apresentam perfis e modalidades internamente diferenciadas; b) ainda que a maioria dos mexicanos seja católica, identifica-se uma diversidade interna, a qual marca graus ou níveis de compromisso e empatia dos católicos seculares com as posturas assumidas pela hierarquia eclesial; no interior da população católica não há apenas identidades diferenciais, mas antagonismos e conflitos; c) heterodoxia das crenças e das práticas subjetivizadas, sincréticas e distanciadas do controle eclesiástico.

Os textos aqui reunidos constataam que falar de diversidade religiosa remete à temática de uma dupla tendência, ou seja, ao sectarismo, mas também à pulverização das instituições religiosas (ou igreja), a qual vem sendo protagonizada há algumas décadas

por igrejas, denominações, movimentos de tipo evangélico e pentecostal.

Os sociólogos europeus da religião, tais como Hervieu-Léger, indicaram a tendência à perda de referências locais, a debilitação das tradições e a descontinuidade da memória. Por sua vez, os estudiosos da religião latino-americana destacam, como fica claro neste dossiê, que:

- não se pode pensar a pluralidade apenas a partir do crescimento exponencial de múltiplas igrejas e denominações sem considerar os vários tipos de retorno ao catolicismo, os processos de indefinição, a multiplicação de modos de crer, de atuar, cada vez mais individualizados e mais distanciados dos controles e das “membrosias” institucionais;
- o estudo da pluralidade religiosa deverá se articular com uma revisão da formação histórica do campo religioso de cada país para dar conta dos poderes de regulação estatal e jurídica, os quais favorecem o monopólio católico ou a livre concorrência religiosa;
- as tradições populares mais antigas e arraigadas não apenas permanecem como estorvos à modernidade, mas recobram sentido como ancoragem de “territorialização”, como possibilidade de dar centralidade à cultura de fluxo, como alternativa para localizar os imaginários “desterritorializados”, ou seja, globais;
- dois processos acompanham a pluralidade religiosa: a “desinstitucionalização” e a subjetivação dos valores morais, das crenças transcendentais, das práticas devocionais; esses processos não são paralelos às instituições e, em especial, ao catolicismo, mas as “transversalizam”

e as conectam com outras tradições, gerando, como o demonstrou Lísias Nogueira Negrão, *duplicidades identitárias*;

- a pluralidade religiosa na América Latina deve ser pensada a partir da sociedade política e das novas dinâmicas de produção e de difusão cultural.

Estamos seguras de que o presente dossiê abrirá novos horizontes teóricos e metodológicos para os estudos sobre as tendências e impactos da pluralidade religiosa na América Latina.

*Deis Siqueira, Brasil*  
*Renée de la Torre, México*  
Organizadoras